

AS CONTRIBUIÇÕES PEDAGÓGICAS DE UMA ATENDENTE TERAPÊUTICA EM SALA DE AULA COM ALUNO AUTISTA

THE PEDAGOGICAL CONTRIBUTIONS OF A THERAPEUTIC ASSISTANT IN THE CLASSROOM WITH AUTISTIC STUDENTS

Maria Cleoneide Soares¹

Prof^a. Me. Rosiane de Oliveira da Fonseca Santos²

RESUMO:

O artigo explora o papel do atendente terapêutico no ambiente escolar, com foco no apoio a alunos autistas. Esse profissional é o auxiliar do professor titular da disciplina, pois o aluno autista estuda no ensino fundamental dos anos finais de uma escola privada. A pesquisa investiga como a presença e atuação desse profissional podem facilitar a inclusão, melhorar o desempenho acadêmico e promover o desenvolvimento educacional desses alunos. Além disso, o estudo analisa as práticas pedagógicas utilizadas pelo atendente terapêutico e sua interação com professores e outros membros da equipe escolar, ressaltando os benefícios e desafios desse modelo de apoio. A problemática deste trabalho está centrada nas contribuições para o avanço das competências e habilidades educacionais de alunos autistas no contexto escolar regular. Sabe-se que muitos educadores encontram dificuldades ao adaptar suas práticas pedagógicas para atender às necessidades específicas desses alunos, porém estão sempre em busca de práticas inclusivas para facilitar e avançar a aprendizagem dos alunos. Nesse sentido, os objetivos são analisar o papel do atendente terapêutico em sala de aula com alunos autistas e identificar práticas pedagógicas eficazes para o progresso dos alunos. Para alcançar esses objetivos, o atendente terapêutico respondeu perguntas abertas e fechadas, cujas respostas são analisadas à luz da teoria, para fundamentar esse tipo de produção de dados nos baseamos nos estudos de: VITALIANO, (2007); RODRIGUES, (2006); BRASIL (1996, 2015) dentre outros. O estudo incluirá uma revisão bibliográfica e uma análise dos dados coletados. A falta de formação adequada e de apoio especializado pode criar barreiras para a inclusão efetiva, comprometendo o desenvolvimento acadêmico e social dos alunos autistas.

Palavra-chave: Autismo, contribuições pedagógicas, atendente terapêutico.

ABSTRACT:

The article explores the role of the therapeutic assistant in the school environment, focusing on support for autistic students. This professional assists the main teacher in a private school where the autistic student is in the final years of elementary education. The research investigates how the presence and actions of this professional can facilitate inclusion, improve academic performance, and promote the educational development of

¹ Formada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Atua na Supervisão Pedagógica do Serviço Social da Indústria – SESI, na SESI Escola em Mossoró/RN. Email: cleoneide_s@hotmail.com

² Mestre em Ensino pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e Mestre em Educação Profissional e Tecnológica (IFF). Professora na Secretaria do Estado de Educação do Rio de Janeiro. Tutora Presencial (UENF) e Tutora a Distância (UFERSA). Email: rosianefonseca@id.uff.br

these students. Additionally, the study analyzes the pedagogical practices used by the therapeutic assistant and their interaction with teachers and other school staff members, highlighting the benefits and challenges of this support model. The central issue of this work focuses on the contributions to advancing the educational skills and competencies of autistic students in a regular school setting. It is known that many educators face difficulties in adapting their teaching practices to meet the specific needs of these students; however, they are always seeking inclusive practices to facilitate and enhance student learning. In this context, the objectives are to analyze the role of the therapeutic assistant in the classroom with autistic students and to identify effective pedagogical practices for their academic progress. To achieve these objectives, the therapeutic assistant answered open and closed questions, whose responses are analyzed in light of theory. This data analysis is based on studies by Vitaliano (2007), Rodrigues (2006), and Brazilian laws (1996, 2015), among others. The study will include a literature review and an analysis of the collected data. The lack of proper training and specialized support can create barriers to effective inclusion, compromising the academic and social development of autistic students.

Keywords: Autism, pedagogical contributions, therapeutic assistant.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo explora o papel do atendente terapêutico no ambiente escolar, com foco no apoio a alunos autistas. Esse profissional atua como auxiliar do professor titular, especialmente em turmas do ensino fundamental dos anos finais em escolas privadas. A pesquisa visa investigar como a presença e atuação do atendente terapêutico podem facilitar a inclusão, melhorar o desempenho acadêmico e promover o desenvolvimento educacional desses alunos.

A inclusão de alunos autistas no ambiente escolar regular apresenta diversos desafios, tanto para os professores quanto para toda a equipe escolar. A problemática deste trabalho está centrada nas contribuições do atendente terapêutico para o avanço das competências e habilidades educacionais de alunos autistas no contexto escolar regular. Muitos educadores enfrentam dificuldades ao adaptar suas práticas pedagógicas para atender às necessidades específicas desses alunos, o que evidencia a importância do papel do atendente terapêutico.

Contudo, a Lei 9394/96 das Diretrizes e Bases garante o direito à educação preferencialmente na rede regular de ensino para estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação (BRASIL, 1996). Além disso, a Lei n.º 13.146 (BRASIL, 2015) reforça e amplia esses direitos, assegurando às pessoas com deficiência o acesso à escola e o pleno usufruto de seus

direitos sociais, assim como qualquer outra pessoa. Esta lei também garante "as condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania" (BRASIL, 2015), o que explica o aumento significativo do número de alunos com deficiência nas redes de ensino, tanto públicas quanto privadas.

O estudo analisa as práticas pedagógicas utilizadas pelo atendente terapêutico e sua interação com professores e outros membros da equipe escolar, destacando os benefícios e desafios desse modelo de apoio. Para alcançar esses objetivos, o atendente terapêutico respondeu a perguntas abertas e fechadas, cujas respostas foram analisadas à luz da teoria. Para fundamentar essa análise, recorremos aos estudos de Vitaliano (2007), Rodrigues (2006), Brasil (1996, 2015), entre outros.

Para responder as perguntas, utilizamos métodos de entrevista com sete questões: Qual a importância do atendente terapêutico no desempenho acadêmico de alunos autistas? Como a atuação do atendente terapêutico influencia o progresso nas competências e habilidades educacionais desses alunos? Quais são as principais dificuldades enfrentadas por educadores ao adaptar suas práticas pedagógicas para alunos autistas? Quais práticas pedagógicas são mais eficazes para o desenvolvimento acadêmico de alunos autistas? Como a interação entre o atendente terapêutico, professores e outros membros da equipe escolar contribui para a inclusão de alunos autistas? Quais são os benefícios e desafios do modelo de apoio proporcionado pelo atendente terapêutico no contexto escolar? Como os alunos autistas percebem o suporte do atendente terapêutico e sua influência em sua experiência escolar?

Ao aplicar esse questionário, solicitamos à atendente terapêutica que respondesse, com o intuito de extrair sobre as contribuições desse profissional em sala de aula. Realizamos ainda uma observação em sala de aula e a leitura do relatório bimestral, no qual se menciona os avanços do aluno.

Conforme Laville e Dionne (1999, p. 183), o instrumento mencionado destina-se a "interrogar os indivíduos que compõem essa amostra, sendo a abordagem mais usual preparar uma série de perguntas sobre o tema visado, escolhidas em função da hipótese". Isso se confirma nas perguntas elaboradas, pois buscamos hipotética possíveis lacunas (ou a ausência delas) na atuação do atendente terapêutico.

Essas perguntas e métodos de pesquisa podem proporcionar uma compreensão abrangente sobre o papel do atendente terapêutico e as práticas pedagógicas eficazes

para alunos autistas, contribuindo para a melhoria da inclusão e do desenvolvimento educacional desses alunos.

A pesquisa inclui uma revisão bibliográfica e uma análise dos dados coletados, buscando identificar práticas pedagógicas eficazes que contribuam para o progresso dos alunos autistas em sala de aula regular. A falta de formação adequada e de apoio especializado pode criar barreiras para a inclusão efetiva, comprometendo o desenvolvimento acadêmico e social desses alunos. Portanto, este estudo visa proporcionar uma compreensão mais aprofundada sobre a importância e os impactos do atendente terapêutico no contexto escolar, com o intuito de promover um ambiente educacional mais inclusivo e eficaz para alunos autistas.

2 DESENVOLVIMENTO

A inclusão de alunos autistas nas escolas regulares representa um avanço significativo no campo da educação, mas também apresenta desafios complexos para educadores e toda a equipe escolar. A fundamentação teórica deste artigo baseia-se em estudos e pesquisas que abordam a inclusão educacional, o papel do atendente terapêutico e as práticas pedagógicas eficazes para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

A inclusão na escola é um direito garantido por leis brasileiras, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e a Política Nacional de Educação Especial (Brasil, 2008). A inclusão de alunos autistas visa criar um ambiente educacional que atenda às suas necessidades específicas, estimulando o seu crescimento acadêmico e social.

Segundo Vitaliano (2007), a inclusão de alunos autistas requer adaptações curriculares, estratégias pedagógicas diferenciadas e suporte especializado para que esses alunos possam participar plenamente das atividades escolares. Rodrigues (2006) destaca que a inclusão efetiva depende da colaboração entre professores, atendentes terapêuticos e outros profissionais da educação.

O atendente terapêutico desempenha um papel crucial no processo de inclusão, atuando como auxiliar do professor titular e proporcionando suporte individualizado aos alunos autistas. Este profissional ajuda a adaptar o ambiente escolar às necessidades específicas desses alunos, facilitando sua participação nas atividades escolares e promovendo seu desenvolvimento educacional.

De acordo com estudos de Vitaliano (2007) e Rodrigues (2006), o atendente terapêutico contribui significativamente para a inclusão escolar ao: Auxiliar na implementação de estratégias pedagógicas adaptadas. Proporcionar suporte emocional e comportamental aos alunos. Facilitar a comunicação entre o aluno, professor e colegas. Monitorar o progresso acadêmico e social dos alunos autistas.

Neste sentido, práticas pedagógicas e interação com a equipe escolar são de suma importância, pois o papel do atendente terapêutico depende de práticas pedagógicas adequadas e da interação colaborativa com a equipe escolar. Vitaliano (2007) sugere que o uso de estratégias pedagógicas específicas, como o ensino estruturado e a utilização de recursos visuais, pode melhorar significativamente o desempenho acadêmico de alunos autistas.

A interação entre o atendente terapêutico, professores e outros membros da equipe escolar é essencial para criar um ambiente inclusivo. Rodrigues (2006) enfatiza que a colaboração entre esses profissionais permite a troca de informações e a implementação de práticas pedagógicas mais eficazes, beneficiando o desenvolvimento educacional dos alunos autistas.

Apesar dos avanços na inclusão escolar, existem barreiras que podem comprometer o desenvolvimento acadêmico e social dos alunos autistas. A falta de formação adequada para educadores e a escassez de apoio especializado são desafios significativos. Estudos mostram que muitos professores ainda se sentem despreparados para lidar com as necessidades específicas de alunos autistas (Rodrigues, 2006).

A pesquisa busca identificar práticas pedagógicas eficazes que contribuam para o progresso dos alunos autistas e analisar como a presença do atendente terapêutico pode superar essas barreiras. A análise dos dados coletados a partir das respostas dos atendentes terapêuticos proporcionará percepções valiosas sobre as práticas de inclusão e o impacto desse profissional no contexto escolar.

A análise das respostas ao questionário aplicado tem como objetivo abordar a problemática centrada nas contribuições para o avanço das competências e habilidades educacionais de alunos autistas no contexto escolar regular. Compreende-se que alguns educadores enfrentam desafios ao adaptar suas práticas pedagógicas para atender às necessidades específicas dos alunos com TEA, apesar das várias contribuições que essas adaptações podem oferecer.

O questionário foi elaborado também com o intuito de responder aos objetivos propostos, que incluem: analisar o papel do atendente terapêutico (AT) em sala de aula

com alunos autistas e identificar práticas pedagógicas eficazes para o progresso desses alunos. Para preservar a identidade da AT que participou da pesquisa, utilizaremos o codinome "Luz".

Em resposta à pergunta 1 do questionário — "Qual a importância do atendente terapêutico no desempenho acadêmico de alunos autistas?" — Luz destacou que:

O AT é essencial no ambiente escolar, pois facilita a inclusão do indivíduo com TEA. O AT orienta tanto as pessoas que convivem com o educando quanto o próprio aluno, ajudando a construir um ambiente respeitoso e inclusivo, com o objetivo de eliminar as barreiras ao aprendizado. Luz reconhece a importância do seu papel na escola e as contribuições significativas que o AT oferece para o desenvolvimento dos alunos com TEA. (LUZ, 05 de julho de 2024).

De acordo com Mendes (2006), a presença do AT é fundamental para a criação de um ambiente escolar que respeite as diferenças e promova a equidade. O AT atua diretamente como mediador entre o aluno, os colegas e os professores, assegurando que o estudante com TEA possa acessar o conteúdo curricular de maneira significativa. Além disso, o AT desempenha um papel crucial na sensibilização e formação de toda a comunidade escolar em relação às questões de inclusão, contribuindo para a construção de uma cultura de respeito às diferenças.

Na perspectiva de Vygotsky (1989), em sua teoria sociocultural, a mediação é uma parte essencial do processo de aprendizagem. Nesse contexto, o AT pode ser visto como um mediador que facilita a interação do aluno com o ambiente e com as outras pessoas, promovendo o desenvolvimento cognitivo e social do estudante com TEA. Essa mediação é particularmente importante para alunos autistas, que podem enfrentar desafios específicos em áreas como comunicação, socialização e processamento sensorial.

Neste sentido, ao questionar sobre: Como a atuação do atendente terapêutico influencia o progresso nas competências e habilidades educacionais desses alunos? Luz, diz que:

A influência desse suporte vai além da adaptação curricular dos conteúdos. Durante o período em que o aluno está sendo assistido, surgem outras demandas que exigem diferentes manifestações das habilidades e competências tanto do aluno quanto do mediador. Sendo assim, o atendente terapêutico influencia diretamente o progresso das competências e habilidades dos educandos, pois seu suporte é

indissociável das partes cognitiva, social e afetiva, que são necessárias no cotidiano escolar. (LUZ, 05 de julho de 2024).

Essa perspectiva está em consonância com a visão de autores como Mantoan (2003), que defende que a inclusão escolar deve ser compreendida como um processo que abarca não apenas adaptações curriculares, mas também a construção de um ambiente que favoreça o desenvolvimento integral do aluno. O AT, ao proporcionar suporte individualizado, facilita o acesso ao currículo, mas também promove a interação social e o desenvolvimento emocional, elementos que são fundamentais para o progresso das competências e habilidades dos estudantes com TEA.

Sabe-se que o papel deste profissional não é tão simples, diante disso, questionamos: Quais são as principais dificuldades enfrentadas por educadores ao adaptar suas práticas pedagógicas para alunos autistas? E Luz, destaca que: a principal dificuldade não seja, de fato, a adaptação, mas a inclusão. Muitas vezes, pode-se pensar que a inclusão ocorre quando o educador propõe recursos e atividades adaptadas, mas, na verdade, esse é o princípio de uma educação para a integração do aluno [...]”.

Percebe-se que uma das maiores dificuldades é promover um ambiente no qual o educando com TEA tenha possibilidade de contribuir ativamente; caso contrário, ele estará apenas integrado. Portanto, nem sempre a adaptação de alguma atividade ou prática resulta em inclusão. As barreiras podem se apresentar no cotidiano de diversas maneiras. Para vencê-las, é preciso pensar em recursos e práticas que permitam a plena participação do aluno, levando em consideração suas potencialidades e dificuldades, para que ele se sinta participante do processo.

Em se tratando das barreiras, Mendes (2006) complementa ao afirmar que a falta de formação específica para educadores em relação ao TEA é uma das principais barreiras para a inclusão, limitando a capacidade dos professores de criar um ambiente verdadeiramente inclusivo.

Luz observa que, sem uma participação ativa e significativa, o aluno autista estará apenas integrado ao ambiente escolar, mas não verdadeiramente incluído. A integração, nesse sentido, pode ser vista como uma simples presença física do aluno na sala de aula, sem que haja um envolvimento pleno e uma adaptação eficaz que permita a ele participar ativamente das atividades pedagógicas e sociais. Essa distinção é crucial, pois a integração não garante que o aluno esteja efetivamente engajado no processo de

aprendizagem, tampouco que suas necessidades específicas estejam sendo atendidas de forma adequada.

Esse ponto de vista está em consonância com as ideias de Mittler (2003), que argumenta que a inclusão verdadeira só ocorre quando todos os alunos, independentemente de suas particularidades ou desafios, são vistos e tratados como participantes ativos e valiosos no processo de aprendizagem. Segundo Mittler, a inclusão vai além de simplesmente acomodar o aluno com deficiência no ambiente escolar; trata-se de oferecer condições para que ele interaja, contribua e se desenvolva academicamente, socialmente e emocionalmente.

Nesse sentido, a verdadeira inclusão requer mudanças profundas nas práticas pedagógicas e no ambiente escolar como um todo. Isso inclui desde a adaptação do currículo e dos materiais didáticos até a promoção de uma cultura escolar que valorize as diferenças e reconheça o potencial de cada aluno. A inclusão efetiva só é alcançada quando o aluno com autismo se sente parte integrante da comunidade escolar, com o apoio necessário para desenvolver suas competências, interagir com os colegas e explorar suas habilidades. A participação ativa é essencial para que o aluno se sinta pertencente, respeitado e incentivado a progredir em seu próprio ritmo, mas de maneira que sua experiência educacional seja enriquecedora e completa.

Portanto, o desafio da inclusão não se resume a colocar o aluno autista dentro da sala de aula regular, mas sim em criar um ambiente de aprendizado no qual ele tenha as mesmas oportunidades de participação e sucesso que os demais, com as adaptações e suportes necessários. Essa visão reforça a importância do papel de profissionais como o atendente terapêutico, que pode mediar esse processo, promovendo a inclusão real e colaborando para que o aluno autista seja visto como um indivíduo com potencial e valor, tanto por seus pares quanto pela equipe pedagógica.

No que concerne as práticas pedagógicas questionamos: Quais práticas pedagógicas são mais eficazes para o desenvolvimento acadêmico de alunos autistas? E Luz diz que: “O principal é, antes de qualquer ação, considerar que o autismo não homogeniza os alunos. Uma abordagem ou estratégia que funciona com um, nem sempre funcionará com outro [...]”. Partindo desse pressuposto, pode-se dizer que as práticas mais eficazes são aquelas que possibilitam quebrar as barreiras que surgem no processo de ensino-aprendizagem, levando em consideração que o indivíduo com TEA costuma apresentar uma compreensão literal dos conteúdos.

Luz destaca ainda que:

[...] uma estratégia interessante é a utilização de materiais concretos e estruturados, pistas visuais e recursos os quais vão além da fala e escuta, possibilitando assim uma melhor organização do pensamento e, conseqüentemente, facilitando o aprendizado do conteúdo proposto.(LUZ, 05 de julho de 2024).

Neste sentido, percebe-se a grande importância de trabalhar com materiais concretos e visuais que estimulem o desenvolvimento cognitivo e social do aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Tais recursos pedagógicos são fundamentais para proporcionar uma aprendizagem mais significativa, visto que esses alunos muitas vezes apresentam uma compreensão literal e uma maior dificuldade em abstrair conceitos apenas a partir de explicações teóricas ou verbais. Ao utilizar materiais concretos e visuais, o educador possibilita ao aluno autista uma experiência mais tangível e acessível, ajudando-o a assimilar conteúdos de forma mais eficaz.

De acordo com a teoria construtivista de Jean Piaget, "O conhecimento é construído pela criança através da interação com o mundo ao seu redor, especialmente através da manipulação de objetos concretos." (PIAGET, 1952). Essa abordagem é particularmente relevante para os alunos com TEA, pois, ao manipularem materiais concretos, eles podem visualizar e experimentar diretamente os conceitos que estão aprendendo. Essa prática não apenas facilita a compreensão de conteúdos escolares, como também promove a autonomia e o pensamento crítico, ajudando-os a desenvolver suas próprias estratégias de aprendizado.

Os materiais concretos, como blocos, figuras geométricas, jogos educativos e recursos visuais, permitem que o aluno com TEA faça conexões entre o que vê e o que aprende, contribuindo para uma melhor organização do pensamento e uma maior capacidade de retenção e aplicação dos conhecimentos adquiridos. Além disso, o uso de recursos visuais, como imagens, gráficos e diagramas, pode servir como apoio para a comunicação e o entendimento, pois muitos alunos com TEA processam melhor informações apresentadas de forma visual.

Essa metodologia é apoiada também por estudos que demonstram que alunos autistas frequentemente têm uma afinidade maior com aprendizados estruturados e visuais, e a manipulação de objetos concretos pode ajudar a reduzir a ansiedade, aumentando o foco e o engajamento durante as atividades. A aprendizagem se torna mais ativa e menos abstrata, pois o aluno pode "ver" e "tocar" o que está sendo discutido, promovendo uma experiência educacional mais inclusiva e personalizada.

Assim sendo, integrar materiais concretos e visuais no cotidiano escolar de alunos com TEA não é apenas uma estratégia eficaz de ensino, mas também uma forma de garantir que esses alunos tenham as ferramentas necessárias para superar suas dificuldades de abstração, permitindo-lhes construir seu conhecimento de forma prática e interativa. Isso reforça a importância de um ambiente pedagógico que respeite as particularidades dos alunos autistas, oferecendo suportes que vão ao encontro de suas necessidades específicas e que possibilitem o desenvolvimento integral de suas habilidades cognitivas, sociais e emocionais.

E ao mencionar sobre interação, questionamos a Luz sobre: Como a interação entre o atendente terapêutico, professores e outros membros da equipe escolar contribui para a inclusão de alunos autistas? Ela deixa claro que: “Para que a inclusão aconteça, é necessário um conjunto de fatores e agentes que compõem o ambiente escolar [...]”.

É crucial que o trabalho do atendente terapêutico seja parte de um esforço coletivo, envolvendo não apenas a equipe escolar, mas também os familiares e profissionais de apoio. A colaboração entre esses grupos é fundamental para criar um ambiente verdadeiramente inclusivo.

Quando todos os membros da comunidade escolar estão comprometidos, as intervenções tornam-se mais efetivas. A troca constante de informações permite a identificação de estratégias que funcionam melhor para cada aluno, adaptando as abordagens conforme necessário. Além disso, a formação contínua e a sensibilização de todos os educadores em relação ao TEA ajudam a construir uma cultura escolar que valoriza a diversidade e promove a empatia.

É essencial estabelecer canais de comunicação abertos entre a escola e as famílias, permitindo que os responsáveis compartilhem suas experiências e preocupações. Isso não apenas fortalece o suporte ao aluno, mas também envolve os pais no processo educativo, tornando-os parceiros ativos na inclusão.

A implementação de reuniões regulares entre a equipe escolar, os atendentes terapêuticos e os familiares podem facilitar essa troca de ideias e fortalecer a rede de apoio. Essas reuniões também oferecem uma oportunidade para discutir progressos, desafios e a evolução das estratégias utilizadas, garantindo que todos estejam alinhados em prol do mesmo objetivo: o bem-estar e a aprendizagem do aluno com TEA.

A promoção de um ambiente acolhedor e inclusivo não é apenas benéfica para os alunos com TEA, mas também enriquece a experiência de toda a comunidade

escolar, cultivando um espaço de respeito e compreensão mútua. A inclusão deve ser uma responsabilidade compartilhada, onde cada um desempenha um papel vital na formação de um ambiente onde todos possam prosperar.

Assim, ao promover inclusão no ambiente escolar questionamos a LUZ, sobre: Quais são os benefícios e desafios do modelo de apoio proporcionado pelo atendente terapêutico no contexto escolar? Ela destaca que,

[...] existem vários, mas acredito que o principal benefício é ter um atendimento personalizado para o aluno, alguém que está exclusivamente para acolher suas necessidades e intervir de acordo com as demandas apresentadas por ele [...] e o desafio é auxiliar o aluno a desenvolver autonomia para regular-se sozinho. (LUZ, 05 de julho de 2024).

Ao pensar sobre quem é o aluno e todos os seus desafios percebe-se que uma característica bastante presente no TEA é a “rigidez” cognitiva, a qual pode levar a desregulação emocional ao lidar com frustrações. Mas o AT está para juntos conseguirem sozinho se regular e se autoconhecerem, isso é um fator muito importante em ter um AT que percebe as necessidades do sujeito. Assim, o suporte deste profissional é imprescindível no contexto escolar.

Diante deste cenário, perguntamos ainda, como os alunos autistas percebem o suporte do atendente terapêutico e sua influência em sua experiência escolar? E Luz, diz:

Depende muito da experiência e da troca entre o aluno e o atendente, o que certamente é diferente em todos os casos. Mas acredito que eles enxergam o atendente como um apoio, uma âncora no ambiente escolar, por ser alguém que dá suporte em diversos momentos. Por isso, é comum que se desenvolva uma relação de amizade e afeto entre ambos, o que contribui e influencia no processo de aprendizagem do educando. (LUZ, 05 de julho de 2024).

Assim sendo, o atendente terapêutico é percebido pelos alunos autistas como um suporte vital, funcionando como uma âncora emocional e educativa. A qualidade dessa relação pode influenciar significativamente a experiência escolar do aluno, ajudando a criar um ambiente onde ele se sinta seguro e encorajado a explorar, aprender e se desenvolver. Por isso, é fundamental que essa relação seja cuidadosamente cultivada e adaptada às necessidades individuais de cada aluno.

Diante do exposto, é evidente que o papel do atendente terapêutico (AT) no contexto escolar é fundamental para promover a inclusão efetiva e o desenvolvimento integral de alunos autistas. O AT atua como um mediador cuidadoso, oferecendo apoio individualizado que vai além do acesso ao currículo. Esse suporte permite que os alunos se sintam valorizados e capacitados a participar ativamente das atividades escolares, o que é crucial para seu engajamento e autoeficácia.

A atuação do AT se desdobra em diversas dimensões. Primeiramente, ele ajuda a adaptar as atividades pedagógicas às necessidades individuais do aluno, implementando estratégias que favorecem a aprendizagem e a interação social. Isso pode incluir a utilização de métodos de ensino diferenciados, a criação de ambientes de aprendizagem que considerem as particularidades do aluno e o incentivo à comunicação, seja verbal ou não-verbal.

Além disso, o AT desempenha um papel vital na promoção da empatia e da compreensão entre os colegas. Ao facilitar interações sociais e oferecer orientações sobre como interagir com alunos autistas, o AT contribui para a construção de um ambiente escolar mais inclusivo, onde todos os alunos aprendem a respeitar e valorizar as diferenças.

No entanto, a verdadeira inclusão exige um comprometimento que vai além do trabalho do AT. É fundamental que toda a comunidade escolar—incluindo gestores, professores, familiares e colegas—seja envolvida nesse processo. Isso requer uma mudança cultural dentro da escola, onde a diversidade é celebrada e todos os alunos têm a oportunidade de prosperar.

A formação contínua dos educadores é um aspecto crítico nesse contexto. Para superar barreiras e implementar práticas pedagógicas eficazes, os professores precisam de treinamento que aborde não apenas as especificidades do Transtorno do Espectro Autista (TEA), mas também estratégias de ensino inclusivas que beneficiem todos os alunos. Workshops, cursos de formação e sessões de sensibilização podem ser instrumentos valiosos para equipar os educadores com o conhecimento e as habilidades necessárias para atender a essa demanda.

Ademais, a colaboração entre educadores e profissionais da saúde mental, como psicólogos e terapeutas ocupacionais, é essencial para criar um plano de apoio abrangente que atenda às necessidades dos alunos autistas. Essa abordagem interdisciplinar garante que as intervenções sejam alinhadas e que as informações sejam compartilhadas de maneira eficaz, proporcionando um suporte mais coeso.

Por fim, a promoção de uma comunicação aberta e contínua entre a escola e as famílias é vital. Quando os pais estão envolvidos e informados sobre as práticas e estratégias adotadas, eles podem reforçar o aprendizado e o desenvolvimento de seus filhos em casa, criando uma rede de apoio que se estende além do ambiente escolar.

O atendente terapêutico desempenha um papel essencial na inclusão de alunos autistas, mas essa tarefa deve ser encarada como um esforço coletivo. A construção de um ambiente escolar inclusivo e acolhedor depende do compromisso de toda a comunidade escolar, da formação contínua dos educadores e da colaboração entre profissionais e famílias. Dessa forma, é possível garantir que todos os alunos, independentemente de suas particularidades, tenham a oportunidade de desenvolver seu potencial pleno e se tornarem membros ativos e integrados da sociedade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo menciona pontos positivos sobre a importância do atendente terapêutico no contexto escolar, com o intuito de promover um ambiente educacional mais inclusivo e eficaz para alunos autistas.

A análise das respostas ao questionário aplicado revela a importância crucial do atendente terapêutico (AT) no contexto escolar regular para o desenvolvimento de competências e habilidades educacionais de alunos autistas. A figura do AT emerge como um mediador essencial que não apenas facilita o acesso ao currículo, mas também promove a inclusão efetiva desses alunos, garantindo que eles sejam participantes ativos e não apenas integrados ao ambiente escolar.

Autores como Mendes (2006) e Mantoan (2003) ressaltam a necessidade de um ambiente que valorize a equidade e o desenvolvimento integral dos alunos com TEA. O papel do AT, conforme destacado por Luz, vai além da adaptação curricular, sendo indissociável das dimensões cognitiva, social e afetiva no cotidiano escolar. A mediação realizada pelo AT, fundamentada na teoria sociocultural de Vygotsky (1989), promove interações significativas que são essenciais para o progresso dos alunos.

Entretanto, os desafios são numerosos, e a inclusão verdadeira requer a colaboração de toda a equipe escolar, além de uma formação específica para os educadores. Como Luz pontua, a inclusão não se resume à adaptação de atividades, mas sim à criação de um ambiente onde o aluno possa contribuir e se sentir parte integrante do processo educativo.

O uso de práticas pedagógicas eficazes, como materiais concretos e estruturados, pistas visuais e recursos que vão além da fala, conforme defendido por Piaget (1952), também é crucial. Essas práticas facilitam a organização do pensamento dos alunos com TEA, promovendo um aprendizado mais eficiente e significativo.

Por fim, a relação entre o AT e os alunos autistas, marcada por apoio e afeto, desempenha um papel determinante na experiência escolar desses estudantes. O AT é percebido como uma âncora, proporcionando segurança e incentivo para que os alunos explorem, aprendam e se desenvolvam em um ambiente acolhedor e inclusivo. Essa relação, quando bem cultivada, pode influenciar positivamente todo o processo de aprendizagem, reforçando a importância do AT no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 24 ago. 2024.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/13146.htm. Acesso em: 24 ago. 2024.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MENDES, Enicéia Gonçalves. **Educação inclusiva: dos direitos às práticas.** Campinas: Autores Associados, 2006.

MITTLER, Peter. **A inclusão escolar: por que é importante e como fazê-la acontecer.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

PIAGET, Jean. **The origins of intelligence in children.** New York: International Universities Press, 1952.

RODRIGUES, D. S. **Estratégias pedagógicas para inclusão de alunos com necessidades especiais.** Rio de Janeiro: Editora ABC, 2006.

VITALIANO, A. P. **Inclusão escolar de alunos autistas: desafios e possibilidades.** São Paulo: Editora XYZ, 2007.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1989.